UNE ✦ SACRA

Hinduísmo

Rig Veda

(seleção de hinos)

✦ ✦ ✦

Ṛṣis (poetas-videntes) védicos

Tradução (edição 1.6)

Créditos

Autor	Ṛṣis (poetas-videntes) védicos
Data	c. 1500–1000 a.C.
Idioma original	Sânscrito
Versão	Tradução (edição 1.6)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Ralph T. H. Griffith
Fonte	Wikisource — The Hymns of the Rigveda
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Ṛgveda, "o saber dos hinos", é o mais antigo dos quatro Vedas e um dos textos religiosos mais antigos ainda em uso no mundo.

Seus 1.028 hinos, reunidos em dez livros (maṇḍalas), foram compostos em sânscrito védico por famílias de sacerdotes-poetas e transmitidos oralmente, com rigor extraordinário, por mais de três mil anos.

Louvam Agni (o fogo do sacrifício), Indra, Varuṇa, Soma, Sūrya e outras divindades, e acompanham os ritos do sacrifício.

Esta seleção reúne 26 hinos célebres: o hino de abertura a Agni, a vitória de Indra sobre Vṛtra, a Gāyatrī (3.62.10), as preces a Varuṇa, o lamento do jogador, o casamento de Sūryā, o hino do Puruṣa, o Hiraṇyagarbha e o hino da criação (Nāsadīya, 10.129), que pergunta se até o deus supremo sabe como o mundo começou.

A Gāyatrī ainda é recitada diariamente por milhões de hindus, e a tradição do canto védico, que preserva estes hinos de cor, sílaba por sílaba, foi reconhecida pela UNESCO como patrimônio imaterial da humanidade.

Fonte: https://en.wikisource.org/wiki/The_Hymns_of_the_Rigveda

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

1.1 — Agni

1.32 — Indra

1.50 — Sūrya

1.154 — Viṣṇu

1.164 — Asya vāmasya

2.12 — Indra

3.62 — Gāyatrī

5.85 — Varuṇa

7.86 — Varuṇa

7.103 — Maṇḍūkāḥ

9.113 — Soma Pavamāna

10.14 — Yama

10.34 — Akṣāḥ

10.71 — Jñāna

10.81 — Viśvakarman

10.85 — Sūryā

10.90 — Puruṣa

10.117 — Dhanānnadāna

10.121 — Hiraṇyagarbha

10.125 — Vāc

10.127 — Rātrī

10.129 — Nāsadīya

10.146 — Araṇyānī

10.151 — Śraddhā

10.190 — Bhāvavṛttam

10.191 — Saṃjñānam

1.1 — AGNI

✦

1 Louvo Agni, o Sacerdote escolhido, Deus, ministro do sacrifício,
O Hotar, o mais pródigo em riquezas.

2 Digno é Agni de ser louvado pelos vivos como pelos antigos videntes:
Ele trará para cá os Deuses.

3 Por Agni o homem obtém riqueza, sim, abundância que cresce dia a dia,
Riquíssima em heróis, gloriosa.

4 Agni, o sacrifício perfeito que tu envolves por todos os lados
Vai, em verdade, até os Deuses.

5 Que Agni, o Sacerdote de mente sábia, verídico, gloriosíssimo e grande,
O Deus, venha para cá com os Deuses.

6 Qualquer bênção, Agni, que concedas ao teu adorador,
Essa, ó Angiras, é de fato a tua verdade.

7 A ti, que dissipas a noite, ó Agni, dia após dia com prece
Trazendo-te reverência, nós vimos;

8 Regente dos sacrifícios, guardião da Lei eterna, ó Radiante,
Que cresces na tua própria morada.

9 Sê para nós de fácil acesso, como um pai para o seu filho:
Agni, está conosco para o nosso bem.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

1.32 — INDRA

✦

1 Declararei os feitos viris de Indra, os primeiros que realizou, o Portador do Trovão.
Matou o Dragão, depois libertou as águas e fendeu os canais das torrentes da montanha.

2 Matou o Dragão que jazia na montanha: Tvashṭar forjou o seu raio celeste.
Como vacas que mugem descendo em fluxo rápido, as águas deslizaram para o oceano.

3 Impetuoso como um touro, escolheu o Soma e em três taças sagradas bebeu os sucos.
Maghavan empunhou o raio como arma e feriu de morte este primogênito dos dragões.

4 Quando tu, Indra, mataste o primogênito dos dragões e venceste os encantos dos feiticeiros,
Então, dando vida ao Sol, à Aurora e ao Céu, não achaste um só inimigo que te resistisse.

5 Indra, com o seu grande e mortal raio, despedaçou Vṛitra, o pior dos Vṛitras.
Como troncos de árvores derrubados pelo machado, assim jaz o Dragão prostrado rente à terra.

6 Ele, como um guerreiro louco e fraco, desafiou Indra, o grande Herói impetuoso que mata a muitos.
Não suportando o choque das armas, ele — o inimigo de Indra — esmagou na queda as fortalezas destroçadas.

7 Sem pés e sem mãos ainda desafiou Indra, que o feriu com o raio entre os ombros.
Castrado, mas reclamando vigor viril, assim jazia Vṛitra com os membros espalhados e decepados.

8 Ali, onde jaz como um rio que rompe as margens, as águas, cobrando ânimo, correm por cima dele.
O Dragão jaz sob os pés das torrentes que Vṛitra, com a sua grandeza, havia cercado.

9 Então foi abatida a força da mãe de Vṛitra: Indra lançou contra ela o seu raio mortal.
A mãe estava em cima, o filho embaixo, e como uma vaca junto ao seu bezerro jazia Dânu.

10 Rolado no meio de correntes incessantes que fluem sem descanso, sempre adiante,
As águas levam o corpo sem nome de Vṛitra: o inimigo de Indra afundou na treva duradoura.

11 Guardadas por Ahi estavam as escravas dos Dâsas, as águas detidas como vacas presas pelo ladrão.
Mas ele, depois de ferir Vṛitra, abriu a caverna onde as torrentes estavam aprisionadas.

12 Uma cauda de cavalo foste tu quando ele, ó Indra, golpeou o teu raio; tu, Deus sem segundo,
Reconquistaste as vacas, conquistaste o Soma; soltaste para correr os Sete Rios.

13 De nada lhe valeram relâmpago, nada o trovão, granizo ou névoa que espalhara à sua volta:
Quando Indra e o Dragão lutaram em batalha, Maghavan obteve a vitória para sempre.

14 Quem viste tu para vingar o Dragão, Indra, que o medo tomou o teu coração depois de o matares;
Que, como um falcão assustado pelas regiões, atravessaste noventa e nove rios caudalosos?

15 Indra é Rei de tudo o que se move e não se move, das criaturas mansas e das de chifres, o Portador do Trovão.
Sobre todos os homens vivos reina como Soberano, contendo tudo como os raios dentro da roda.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

1.50 — SŪRYA

✦

1 OS SEUS raios brilhantes erguem-no ao alto, o Deus que conhece tudo o que vive,
Surya, para que todos olhem para ele.

2 As constelações desaparecem, como ladrões, junto com os seus raios,
Diante do Sol que tudo contempla.

3 Os seus raios arautos veem-se ao longe, refulgentes sobre o mundo dos homens,
Como chamas de fogo que ardem e flamejam.

4 Veloz e todo belo és tu, ó Surya, criador da luz,
Iluminando todo o reino radiante.

5 Vais às hostes dos Deuses, vens para cá à humanidade,
Para cá, toda luz, para seres contemplado.

6 Com esse mesmo olho teu com que contemplas, brilhante Varuna,
A raça atarefada dos homens,

7 Percorrendo o céu e o vasto espaço intermédio, medes com os teus raios os nossos dias,
Ó Sol, vendo todas as coisas que nascem.

8 Sete Corcéis Baios atrelados ao teu carro levam-te, ó tu que vês ao longe,
Deus, Surya, de cabeleira radiante.

9 Surya atrelou as Sete puras e brilhantes, as filhas do carro; com elas,
A sua própria e querida parelha, ele avança.

10 Olhando para a luz mais alta acima da treva, chegamos
A Surya, Deus entre os Deuses, a luz mais excelente.

11 Erguendo-te neste dia, ó rico em amigos, subindo ao céu mais alto,
Surya, remove a doença do meu coração, tira de mim esta minha cor amarela.

12 Aos papagaios e aos estorninhos demos a minha amarelidão,
Ou esta minha amarelidão transfiramos para as árvores Haritala.

13 Com todo o seu vigor conquistador este Aditya subiu ao alto,
Entregando o meu inimigo nas minhas mãos: que eu não seja presa do meu inimigo.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

1.154 — VIṢṆU

✦

1 DECLARAREI os feitos poderosos de Vishnu, daquele que mediu as regiões terrestres,
Que escorou o lugar mais alto de reunião, pousando três vezes o pé, a passos largos.

2 Por este seu feito poderoso é Vishnu louvado, como uma fera selvagem, temível, errante, que vagueia pelos montes;
Ele, dentro de cujos três amplos passos todas as criaturas vivas têm a sua morada.

3 Que o hino se erga como força para Vishnu, o Touro de largos passos, que habita nas montanhas,
Aquele que sozinho, com tríplice passo, mediu esta morada comum, longa e extensa.

4 Aquele cujos três lugares, cheios de doçura, imperecíveis, se alegram como lhes apraz,
Que em verdade sozinho sustenta o tríplice, a terra, o céu e todas as criaturas vivas.

5 Que eu alcance aquela sua mansão bem-amada onde os homens devotos dos Deuses são felizes.
Pois ali brota, parente próximo do de Largos Passos, a fonte de hidromel no passo mais alto de Vishnu.

6 De bom grado iríamos às vossas moradas, onde há bois ágeis de muitos chifres,
Pois ali, poderosamente, resplandece sobre nós a mansão sublime do Touro de largos passos.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

1.164 — ASYA VĀMASYA

✦

1 DESTE Sacerdote benigno, grisalho de velhice, o irmão do meio dos três é o relâmpago.
O terceiro é aquele cujo dorso é aspergido de óleo. Aqui contemplo o Chefe com sete filhos varões.

2 Sete atrelam o Corcel ao carro de uma só roda; trazendo sete nomes, o único Corcel o puxa.
De três cubos é a roda, sã e sem desgaste, sobre a qual repousam todos estes mundos do ser.

3 Os sete que estão montados no carro de sete rodas têm cavalos, sete em número, que os levam adiante.
Sete Irmãs entoam juntas cantos de louvor, nas quais estão guardados os nomes das sete Vacas.

4 Quem o contemplou quando surgiu para o ser, viu como o Sem Ossos sustenta o que tem ossos?
Onde está o sangue da terra, a vida, o espírito? Quem pode aproximar-se do homem que sabe, para lho perguntar?

5 Imaturo de mente, sem discernimento de espírito, pergunto a estes pelos lugares estabelecidos dos Deuses;
Pois acima do Bezerro de um ano os sábios, para formar uma teia, teceram os seus sete fios.

6 Pergunto, sem saber, aos que sabem, os sábios, como alguém de todo ignorante, por amor ao conhecimento,
Que era aquele UM que, à imagem do Não Nascido, estabeleceu e firmou as seis regiões destes mundos.

7 Que aquele que sabe o declare agora, o lugar solidamente fundado desta Ave formosa.
Da sua cabeça as Vacas tiram leite e, vestindo a sua veste, beberam a água com o seu pé.

8 A Mãe deu ao Pai a sua parte da Ordem: com o pensamento, primeiro, desposou-o em espírito.
Ela, a Dama recatada, encheu-se de orvalho fecundo: com adoração os homens aproximaram-se para a louvar.

9 Atrelada estava a Mãe ao timão do carro da Vaca generosa: nas fileiras úmidas de nuvens repousava o Infante.
Então o Bezerro mugiu e olhou para a Mãe, a Vaca que veste todas as formas em três direções.

10 Levando três Mães e três Pais, sozinho ele se ergueu de pé: eles nunca o cansam.
Lá, no cume do céu, falam juntos numa fala que tudo sabe mas que não move tudo.

11 Formada de doze raios, sem enfraquecer com o passar do tempo, gira em volta do céu esta roda da Ordem duradoura.
Nela estabelecidos, unidos aos pares, estão setecentos e vinte Filhos, ó Agni.

12 Chamam-no, na metade mais distante do céu, o Pai de cinco pés, de doze formas, rico em provisão de águas.
Estes outros dizem que ele, Deus de olhos que veem longe, está montado no carro inferior de sete rodas e seis raios.

13 Sobre esta roda de cinco raios que gira sempre repousam e dependem todas as criaturas vivas.
O seu eixo, pesadamente carregado, não aquece: o cubo, desde tempos antigos, permanece intacto.

14 A roda gira, sem desgaste, com a sua jante: dez a puxam, atrelados ao timão que se estende ao longe.
O olho do Sol move-se cercado pela região: dele dependem todas as criaturas vivas.

15 Dos nascidos juntos, chamam ao sétimo o nascido só; os seis pares de gêmeos chamam-se Rishis, Filhos dos Deuses.
Os seus bons dons, buscados pelos homens, estão dispostos na devida ordem e, variados na forma, movem-se para o Senhor que guia.

16 Disseram-me que estes eram machos, embora sejam na verdade fêmeas: quem tem olhos vê isto, o cego não discerne.
O filho que é sábio compreendeu: quem sabe isto corretamente é pai do seu pai.

17 Abaixo do reino superior, acima deste inferior, levando o bezerro aos pés, a Vaca ergueu-se.
Para onde, para que lugar partiu ela? Onde pare? Não no meio deste rebanho de gado.

18 Quem, discernindo o pai deste Bezerro abaixo do reino superior, acima do inferior,
Mostrando-se sábio, pode aqui declará-lo? De onde surgiu o espírito divino?

19 Aos que vêm para cá chamam os que partem, aos que partem chamam os que se dirigem para cá.
E o que vós fizestes, Indra e Soma, os corcéis levam como que atrelados ao timão da região.

20 Duas Aves de belas asas, unidas por laços de amizade, encontraram refúgio na mesma árvore que as abriga.
Uma das duas come o fruto doce da Figueira; a outra, sem comer, apenas olha.

21 Onde essas belas Aves cantam sem cessar a sua parte da vida eterna e as sagradas assembleias,
Ali está o poderoso Guardião do Universo, que, sábio, entrou em mim, o simples.

22 A árvore onde as belas Aves comem a doçura, onde todas repousam e geram a sua prole —
No seu topo, dizem, o figo é suculento; ninguém o alcança se não conhece o Pai.

23 Como na Gayatri se baseou a Gayatri, como da Tristup formaram a Tristup,
Como na Jagati se baseou a Jagati — os que sabem isto conquistaram para si a vida imortal.

24 Com a Gayatri ele mede o canto de louvor, o Sama com o canto de louvor, o terceto com a Tristup.
O terceto com a medida de dois ou quatro pés, e com a sílaba formam sete metros.

25 Com a Jagati estabeleceu a torrente no céu e viu o Sol no Saman Rathantara.
A Gayatri tem, dizem, três tições para acender: por isso excede em majestade e vigor.

26 Invoco a vaca leiteira, boa de ordenhar, para que o ordenhador, de mão hábil, a esgote.
Que Savitar dê o melhor estímulo. O caldeirão está aquecido; eu o proclamarei.

27 Ela, senhora de todo tesouro, veio para cá ansiando em espírito pelo seu bezerro e mugindo.
Que esta vaca dê o seu leite a ambos os Asvins e que prospere para o nosso alto proveito.

28 A vaca mugiu atrás do seu filhote que pisca; lambe-lhe a fronte, enquanto muge, para o formar.
A boca dele chama ternamente ao seu úbere quente e amamenta-o com leite enquanto muge suavemente.

29 Também ele bufa, por quem cercada em volta a Vaca muge, enquanto se agarra ao que derrama a chuva.
Ela, com os seus gritos agudos, humilhou o homem mortal e, tornada relâmpago, despiu o manto que a cobria.

30 Aquilo que tem sopro, velocidade, vida e movimento jaz firmemente estabelecido no meio das casas.
Vivo, pelas oferendas aos Mortos, move-se o Imortal, o irmão do mortal.

31 Vi o Pastor, aquele que nunca tropeça, aproximando-se pelos seus caminhos e partindo.
Ele, vestido de esplendor recolhido e difuso, viaja continuamente dentro dos mundos.

32 Aquele que o fez não o compreende: daquele que o viu está ele seguramente oculto.
Ele, ainda envolto no seio de sua Mãe, fonte de muita vida, afundou na destruição.

33 Dyaus é meu Pai, meu gerador: aqui está o parentesco. Esta grande terra é minha parenta e Mãe.
Entre as metades do mundo, amplamente estendidas, está o lugar do nascimento: o Pai depôs nele o germe da Filha.

34 Pergunto-te pelo limite extremo da terra, onde está o centro do mundo, pergunto-te.
Pergunto-te pela semente fecunda do Garanhão, pergunto pelo céu mais alto onde mora a Fala.

35 Este altar é o limite extremo da terra; este nosso sacrifício é o centro do mundo.
A semente fecunda do Garanhão é o Soma; este Brâmane é o céu mais alto onde mora a Fala.

36 Sete germes ainda imaturos são a semente fecunda do céu: mantêm as suas funções pela ordenação de Vishnu.
Dotados de sabedoria pela inteligência e pelo pensamento, cercam-nos, presentes de todos os lados.

37 O que sou em verdade não sei com clareza: misterioso, acorrentado na minha mente, vagueio.
Quando o primogênito da santa Lei se aproximou de mim, então obtive pela primeira vez uma porção desta fala.

38 Para trás, para a frente ele vai, levado por força inerente, o Imortal nascido irmão do mortal.
Sem cessar movem-se em direções opostas: os homens notam um e não notam o outro.

39 Sobre que sílaba do santo canto de louvor, como se fosse o seu céu mais alto, repousam os Deuses —
Quem não sabe isto, que fará com o canto de louvor? Mas os que o sabem bem sentam-se aqui reunidos.

40 Que sejas afortunada com bom pasto, e que nós também sejamos muito ricos.
Alimenta-te da erva, ó Vaca, em todas as estações e, vindo para cá, bebe água límpida.

41 Formando as torrentes de água, a búfala mugiu, de um pé, de dois pés ou de quatro pés, ela,
Que se tornou de oito pés ou obteve nove pés, a de mil sílabas no céu mais sublime.

42 Dela descem em correntes os mares de água; por isso as quatro regiões do mundo têm o seu ser,
Dali flui a torrente imperecível e dali o universo tem vida.

43 Vi de muito longe a fumaça do combustível, com espirais que subiam alto sobre o que estava abaixo.
Os Homens Poderosos prepararam o novilho malhado. Estes eram os costumes nos dias de outrora.

44 Três de longas tranças mostram-se na estação ordenada. Um deles tosquia quando o ano termina.
Um, com os seus poderes, contempla o universo: de um vê-se o movimento, mas não a sua figura.

45 A Fala foi medida em quatro divisões; os Brâmanes que têm entendimento as conhecem.
Três, mantidas em estreito segredo, não causam movimento; da fala, os homens falam só a quarta divisão.

46 Chamam-no Indra, Mitra, Varuna, Agni, e ele é o celeste Garutman de nobres asas.
Ao que é Um os sábios dão muitos títulos: chamam-no Agni, Yama, Matarisvan.

47 Escura é a descida: as aves são de cor dourada; sobem ao céu vestidas das águas.
De novo descem do assento da Ordem, e toda a terra é umedecida com a sua gordura.

48 Doze são as jantes, e a roda é uma só; três são os cubos. Que homem o compreendeu?
Nela estão encaixados juntos trezentos e sessenta raios, que de modo algum podem ser soltos.

49 Esse teu seio inesgotável, fonte de prazer, com que alimentas todas as coisas mais seletas,
Doador de riqueza, achador de tesouros, generoso — traze-o, Sarasvati, para que o esgotemos.

50 Por meio do sacrifício os Deuses realizaram o seu sacrifício: estas foram as primeiras ordenanças.
Estes Poderosos alcançaram a altura do céu, lá onde moram os Sadhyas, Deuses de outrora.

51 Uniforme, com o passar dos dias, esta água sobe e de novo míngua.
As nuvens de tempestade dão vida à terra, e os fogos reanimam o céu.

52 A Ave Celeste, vasta, de nobre asa, o belo germe das plantas, o germe das águas,
Aquele que nos alegra com a chuva na estação certa, Sarasvan, invoco para que nos ajude.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

2.12 — INDRA

✦

1 AQUELE que, recém-nascido, Deus principal de espírito elevado, por poder e força se tornou protetor dos Deuses,
Diante de cujo sopro, pela grandeza do seu valor, os dois mundos tremeram, Ele, ó homens, é Indra.

2 Aquele que firmou bem firme a terra que cambaleava e aquietou as montanhas agitadas,
Que mediu a vasta região intermédia do ar e deu apoio ao céu, Ele, homens, é Indra.

3 Que matou o Dragão, libertou os Sete Rios e tirou as vacas da caverna de Vala,
Gerou o fogo entre duas pedras, o saqueador na batalha dos guerreiros, Ele, ó homens, é Indra.

4 Por quem este universo foi feito tremer, que expulsou a raça humilhada dos demônios,
Que, como um jogador que recolhe os seus ganhos, tomou as riquezas do inimigo, Ele, ó homens, é Indra.

5 De quem, o Terrível, perguntam: Onde está Ele? ou em verdade dizem dele: Ele não existe.
Ele varre, como aves, os bens do inimigo. Tende fé nele, pois Ele, ó homens, é Indra.

6 Que move à ação o pobre e o humilde, o sacerdote, o suplicante que canta os seus louvores;
Que, de belo rosto, favorece aquele que espreme o Soma com pedras preparadas, Ele, ó homens, é Indra.

7 Aquele sob cujo controle supremo estão os cavalos, todos os carros, as aldeias e o gado;
Aquele que deu o ser ao Sol e à Manhã, que conduz as águas, Ele, ó homens, é Indra.

8 A quem dois exércitos clamam no corpo a corpo, ambos inimigos, o mais forte e o mais fraco;
A quem dois invocam montados num mesmo carro, cada um para si, Ele, ó homens, é Indra.

9 Sem cuja ajuda o nosso povo nunca vence; a quem, lutando, invocam para lhes dar socorro;
Aquele de quem todo este mundo é apenas a cópia, que abala as coisas imóveis, Ele, ó homens, é Indra.

10 Aquele que feriu, antes que conhecessem o seu perigo, com a sua arma arremessada, muitos pecadores graves;
Que não perdoa a ousadia de quem o provoca, que mata o Dasyu, Ele, ó homens, é Indra.

11 Aquele que descobriu no quadragésimo outono Sambara, quando morava entre as montanhas;
Que matou o Dragão, desdobrando o seu vigor, o demônio que ali jazia, Ele, homens, é Indra.

12 Que, com sete rédeas condutoras, o Touro, o Poderoso, soltou as Sete grandes Torrentes para correrem à vontade;
Que, armado de trovão, despedaçou Rauhina quando escalava o céu, Ele, ó homens, é Indra.

13 Até o Céu e a Terra se inclinam diante dele, diante do seu próprio sopro tremem as montanhas.
Conhecido como o bebedor de Soma, armado de trovão, que brande o raio, Ele, ó homens, é Indra.

14 Que ajuda com favor aquele que verte o Soma e aquele que o prepara, o sacrificador, o cantor.
A quem a prece exalta, e o verter do Soma, e esta nossa dádiva, Ele, ó homens, é Indra.

15 Tu em verdade és feroz e verdadeiro, tu que envias força ao homem que prepara e verte a libação.
Assim possamos para sempre, teus amigos, ó Indra, falar alto na assembleia com os nossos heróis.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

3.62 — GĀYATRĪ

✦

1 AS VOSSAS bem conhecidas e prontas atividades de outrora não precisavam de impulso do vosso servo fiel.
Onde está agora, Indra-Varuna, aquela glória com que destes apoio aos que vos amavam?

2 Este homem, diligentíssimo, buscando riquezas, invoca-vos sem cessar pelo vosso favor.
De acordo, Indra-Varuna, com os Maruts, com o Céu e a Terra, ouvi a minha invocação.

3 Ó Indra-Varuna, nosso seja este tesouro, nossa seja a riqueza, Maruts, com farta provisão de heróis.
Que as Varutris com o seu abrigo nos ajudem, e Bharati e Hotri com as Manhãs.

4 Agrada-te das nossas oblações, tu, amado de todos os Deuses, Brhaspati:
Dá riqueza àquele que te traz dons.

5 Nos sacrifícios, com os vossos hinos, adorai o puro Brhaspati —
Peço um poder que ninguém possa dobrar —

6 O Touro dos homens, a quem ninguém engana, que veste cada forma à vontade,
Brhaspati, o Mais Excelente.

7 Divino, resplandecente Pusan, este nosso novíssimo hino de louvor
Por nós é cantado para ti.

8 Acolhe com favor este meu canto, sê benévolo com o pensamento fervoroso,
Como um noivo com a sua noiva.

9 Que aquele que vê todos os seres vivos os veja juntos num só olhar —
Que ele, que Pusan seja a nossa ajuda.

10 Possamos alcançar aquela excelente glória de Savitar, o Deus:
Que assim ele estimule as nossas preces.

11 Com entendimento, fervorosamente, de Savitar, o Deus, pedimos
A nossa porção de prosperidade.

12 Os homens, os cantores, adoram Savitar, o Deus, com hino e ritos sagrados,
Movidos pelo impulso dos seus pensamentos.

13 Soma, que dá êxito, avança, vai ao lugar de reunião dos Deuses,
Para se sentar no assento da Lei.

14 A nós e ao nosso gado dê Soma alimento salutar,
Ao bípede e ao quadrúpede.

15 Que Soma, fortalecendo o nosso poder de vida e vencendo os nossos inimigos,
Tome o seu assento na nossa assembleia.

16 Que Mitra-Varuna, Par sapiente, orvalhem a nossa pastagem com óleo,
Com hidromel as regiões do ar.

17 Governando ao longe, alegres quando adorados, reinais pela majestade do poder,
Com leis puras eternamente.

18 Louvados pelo canto de Jamadagni, sentai-vos no lugar da santa Lei: Bebei Soma, vós que fortaleceis a Lei.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

5.85 — VARUṆA

✦

1 CANTAI um hino sublime e solene, agradável ao glorioso Varuna, Soberano imperial,
Que estendeu, como quem imola a vítima, a terra como uma pele a estender diante de Surya.

2 Nas copas das árvores estendeu o ar, pôs leite nas vacas e velocidade vigorosa nos cavalos,
Pôs o intelecto nos corações, o fogo nas águas, Surya no céu e Soma na montanha.

3 Varuna deixa o grande tonel, aberto para baixo, correr pelo céu, pela terra e pela região intermédia do ar.
Com ele o Soberano do universo rega a terra como o aguaceiro orvalha a cevada.

4 Quando Varuna deseja leite, umedece o céu, a terra firme e a terra até os seus alicerces.
Então logo as montanhas se vestem da nuvem de chuva: os Heróis, desdobrando o seu vigor, soltam-nas.

5 Declararei este poderoso feito de magia do glorioso Varuna, o Senhor Imortal,
Que, de pé no firmamento, mediu a terra com o Sol como com uma medida.

6 Ninguém, em verdade, jamais impediu ou estorvou este poderoso feito de magia do Deus sapientíssimo,
Pelo qual, com toda a sua torrente, os rios lúcidos não enchem o único mar onde vertem as suas águas.

7 Se pecamos contra o homem que nos ama, se alguma vez ofendemos um irmão, amigo ou companheiro,
O vizinho sempre conosco, ou um estranho, ó Varuna, remove de nós a transgressão.

8 Se, como os jogadores trapaceiam no jogo, trapaceamos, fizemos mal sem saber ou pecamos de propósito,
Lança fora todos estes pecados como grilhões soltos e, Varuna, sejamos os teus bem-amados.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

7.86 — VARUṆA

✦

1 SÁBIAS, em verdade, são as criaturas pela grandeza daquele que manteve separados o vasto céu e a terra;
Que impeliu ao movimento o céu alto e poderoso, a Estrela de outrora, e estendeu a terra diante de si.

2 Com o meu próprio coração me aconselho sobre a questão de como Varuna e eu podemos estar unidos.
Que dádiva minha aceitará ele sem ira? Quando poderei olhar com calma e achá-lo benévolo?

3 Desejoso de saber isto, interrogo outros: procuro os sábios, ó Varuna, e pergunto-lhes.
Esta mesma resposta me deram até os sábios: "Certamente este Varuna está irado contigo."

4 Qual foi, Varuna, a minha transgressão principal, para que quisesses matar o amigo que canta os teus louvores?
Dize-me, Senhor Invencível, e depressa, sem pecado, me aproximarei de ti com a minha homenagem.

5 Livra-nos dos pecados cometidos por nossos pais, daqueles em que nós mesmos ofendemos.
Ó Rei, solta, como a um ladrão que alimenta o gado, como da corda a um bezerro, liberta Vasistha.

6 Não foi a nossa própria vontade que nos traiu, mas a sedução, a irreflexão, Varuna, o vinho, os dados ou a ira.
O velho está perto para desviar o mais novo: nem mesmo o sono afasta toda a má ação.

7 Como escravo possa eu servir ao Generoso, servir, livre de pecado, ao Deus inclinado à ira.
Este Senhor gentil dá sabedoria aos simples: o Deus mais sábio conduz o sábio à riqueza.

8 Ó Senhor, ó Varuna, que este louvor chegue perto de ti e repouse no teu espírito.
Que nos vá bem no descanso e no trabalho. Preservai-nos para sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

7.103 — MAṆḌŪKĀḤ

✦

1 ELES que jazeram quietos durante um ano, os Brâmanes que cumprem os seus votos,
As Rãs ergueram a sua voz, a voz que Parjanya inspirou.

2 Quando sobre elas, como sobre uma pele seca deitada no leito do charco, desceram as torrentes do céu,
A música das Rãs ergue-se em concerto como vacas que mugem com os seus bezerros ao lado.

3 Quando, à chegada das Chuvas, a água se derramou sobre elas que ansiavam e tinham sede,
Uma procura a outra enquanto fala e saúda-a com gritos de prazer como um filho a seu pai.

4 Cada uma das duas recebe a outra com bondade, enquanto se deleitam no correr das águas,
Quando a Rã umedecida pela chuva salta adiante, e a Verde e a Malhada juntam as suas vozes.

5 Quando uma delas repete a linguagem da outra, como aquele que aprende a lição do mestre,
Cada um dos vossos membros parece crescer enquanto conversais com eloquência sobre as águas.

6 Uma é Mugido-de-Vaca e a outra Balido-de-Cabra, uma Rã é Verde e uma delas é Malhada.
Têm um nome comum e, no entanto, variam e, falando, modulam a voz de modos diversos.

7 Como Brâmanes, sentados em volta do vaso cheio até à borda, falam no rito do Soma de Atiratra,
Assim, Rãs, vos reunis em volta do charco para honrar este dia de todo o ano, o primeiro do tempo das Chuvas.

8 Estes Brâmanes com o suco do Soma, realizando o seu rito de um ano, ergueram as suas vozes;
E estes Adhvaryus, suando com as suas caldeiras, saem e mostram-se, e nenhum está escondido.

9 Guardam a ordem dos doze meses, designada pelos Deuses, e nunca os homens negligenciam a estação.
Logo que o tempo das Chuvas retorna no ano, estas que eram caldeiras aquecidas ganham a sua liberdade.

10 Mugido-de-Vaca e Balido-de-Cabra concederam riquezas, e a Verde e a Malhada outorgaram-nos tesouros.
As Rãs que nos dão vacas às centenas prolongam as nossas vidas nesta estação tão fecunda.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

9.113 — SOMA PAVAMĀNA

✦

1 QUE Indra, matador de Vrtra, beba o Soma junto ao Saryanavan,
Armazenando vigor no coração, pronto para feitos heroicos. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

2 Senhor das Regiões, corre adiante, Soma generoso, da terra de Arjika,
Vertido com ardor e com fé, e com o hino verdadeiro do sacrifício. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

3 Para cá a Filha de Surya trouxe o Touro selvagem que Parjanya criou.
Os Gandharvas apoderaram-se dele e no Soma depuseram o suco. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

4 Esplêndido pela Lei! declarando a Lei, falando a verdade, verdadeiro nas tuas obras,
Anunciando a fé, Rei Soma! tu, ó Soma, a quem o teu criador adorna. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

5 Juntas correm as correntes que se encontram daquele que é Grande e verdadeiramente Forte.
Os sucos do suculento encontram-se. Purificado pela prece, ó de tom Dourado, corre, Indu, corre por amor de Indra.

6 Ó Pavamana, onde o sacerdote, enquanto recita a prece ritmada,
Domina o Soma com a pedra, com o Soma produzindo deleite, corre, Indu, corre por amor de Indra.

7 Ó Pavamana, põe-me naquele mundo imortal e sem declínio
Onde está posta a luz do céu e brilha um esplendor eterno. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

8 Faze-me imortal naquele reino onde mora o Rei, o Filho de Vivasvan,
Onde está o santuário secreto do céu, onde estão aquelas águas jovens e frescas. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

9 Faze-me imortal naquele reino onde se movem como lhes apraz,
Na terceira esfera do céu mais íntimo, onde os mundos lúcidos estão cheios de luz. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

10 Faze-me imortal naquele reino de anseio ardente e forte desejo,
A região da Lua radiante, onde se acham alimento e pleno deleite. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

11 Faze-me imortal naquele reino onde a felicidade e os êxtases, onde
Alegrias e venturas se unem, e os desejos ansiosos se cumprem. Corre, Indu, corre por amor de Indra.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.14 — YAMA

✦

1 HONRA o Rei com as tuas oblações, Yama, Filho de Vivasvan, que reúne os homens,
Que viajou às alturas elevadas acima de nós, que procura e mostra o caminho a muitos.

2 Yama foi o primeiro a achar para nós um lugar onde morar: esta pastagem nunca nos pode ser tirada.
Os homens nascidos na terra pisam os seus próprios caminhos, que os levam para onde partiram os nossos antigos Pais.

3 Mitali prospera lá com os Kavyas, Yama com os filhos de Angiras, Brhaspati com os Rkvans:
Exaltadores dos Deuses, pelos Deuses exaltados, uns se alegram no louvor e outros na nossa oblação.

4 Vem, senta-te neste leito de erva, ó Yama, em companhia dos Angirases e dos Pais.
Que os textos recitados pelos sábios te tragam, ó Rei, que esta oblação te alegre.

5 Vem, Yama, com os santos Angirases, alegra-te aqui com os filhos de Virupa.
Para se sentar na erva sagrada neste nosso culto, chamo também para cá Vivasvan, teu Pai.

6 Os nossos Pais são Angirases, Navagvas, Atharvans, Bhrgus, que merecem o Soma.
Que estes, os Santos, nos olhem com favor, que gozemos da sua graciosa benevolência.

7 Avança, avança pelos caminhos antigos por onde os nossos antepassados de outrora foram antes de nós.
Ali contemplarás ambos os Reis gozando o seu alimento sagrado, o Deus Varuna e Yama.

8 Encontra Yama, encontra os Pais, encontra o mérito dos atos livres ou ordenados, no céu mais alto.
Deixa o pecado e o mal, busca de novo a tua morada e, brilhante de glória, veste outro corpo.

9 Ide daqui, parti, voai em todas as direções: este lugar os Pais lhe prepararam.
Yama concede-lhe um lugar onde repousar, adornado de dias, de raios de luz e de águas.

10 Corre e ultrapassa os dois cães, prole de Sarama, malhados, de quatro olhos, no teu caminho feliz.
Aproxima-te então dos Pais de mente benévola, onde se alegram em companhia de Yama.

11 E esses teus dois cães, Yama, os vigias, de quatro olhos, que olham os homens e guardam o caminho —
Confia este homem, ó Rei, à sua proteção e dota-o de prosperidade e saúde.

12 De cor escura, insaciáveis, de narinas dilatadas, os dois emissários de Yama vagueiam entre o Povo;
Que nos restituam uma bela existência aqui e hoje, para que vejamos a luz do sol.

13 A Yama vertei o Soma, levai a Yama dons consagrados:
A Yama vai o sacrifício preparado e anunciado por Agni.

14 Oferecei a Yama dons sagrados enriquecidos com manteiga e aproximai-vos:
Que ele conceda que vivamos longos dias de vida entre os Deuses.

15 Oferecei a Yama, ao Rei, oblação muito rica em hidromel:
Inclinai-vos diante dos Rishis dos tempos antigos, que fizeram este caminho nos dias de outrora.

16 Para as seis Extensões voa o Grande nos Trkadrukas.
A Gayatri, a Trstup, todos os metros estão contidos em Yama.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.34 — AKṢĀḤ

✦

1 BROTADOS de árvores altas em alturas ventosas, estes roladores me arrebatam quando giram sobre a mesa.
O Vibhīdaka animador agradou-me como um gole de Soma de Mūjavant.

2 Ela nunca me afligiu nem se irou comigo, mas foi sempre graciosa com os meus amigos e comigo.
Por um dado que marcou um a mais, expulso a minha própria esposa devotada.

3 A minha esposa expulsa-me, a mãe dela odeia-me: o homem miserável não acha quem o console.
[Dizem:] "Não acho mais utilidade num jogador do que num cavalo velho que está à venda."

4 Outros abraçam a esposa daquele cujas riquezas os dados vitoriosos cobiçaram:
Pai, mãe e irmãos dizem dele [aos homens do credor]: "Não o conhecemos: amarrai-o e levai-o."

5 Quando resolvo "Não jogarei com eles, ficarei para trás quando os meus amigos [= companheiros de jogo] partirem [para jogar]",
e os dados castanhos, lançados no tabuleiro, chocalharam, como uma moça apaixonada busco o lugar do encontro.

6 O jogador busca a casa de jogo e pergunta-se, com o corpo todo em fogo: "Terei sorte?"
Os dados correm contra o seu desejo, dando os melhores lances ao seu adversário.

7 Os dados, em verdade, estão armados de aguilhões e ganchos, enganando e atormentando, causando grave aflição.
Dão presentes como [fazem] os meninos e depois os arrancam de volta ao vencedor,
[são] adoçados [como] com mel, com poder mágico sobre o jogador.

8 A sua tropa de três vezes cinquenta joga [tão invencível] como Savitr, o deus cujos caminhos são fiéis.
Não se curvam nem à ira dos poderosos: o próprio Rei lhes presta homenagem e os reverencia.

9 Rolam para baixo e depois saltam depressa para cima e, sem mãos, forçam o homem que tem mãos a servi-los.
Lançados no tabuleiro, como pedaços de carvão mágico, embora frios em si mesmos, queimam o coração até as cinzas.

10 A esposa do jogador fica desamparada e miserável: a mãe chora o filho que vagueia sem lar.
Em medo constante, endividado e buscando dinheiro, ele vai de noite à casa de outros [provavelmente para roubar].

11 Triste fica o jogador quando vê uma mulher, a esposa de outro homem, e a sua morada bem ordenada.
Atrela os cavalos castanhos [= os dados] de manhã cedo e à tarde afunda junto ao [seu] fogo, mendigo.

12 Ao grande capitão do vosso poderoso exército [de dados], que se tornou o chefe imperial da hoste,
A ele mostro os [meus] dez [dedos estendidos]: "Digo a verdade: não retenho riqueza alguma."

13 "Não jogues com dados, [mas] cultiva o teu campo de grão. Goza o ganho e julga essa riqueza suficiente.
Ali está o teu gado, ali a tua esposa, ó jogador": assim mo disse o próprio bom Savitr.

14 Fazei-me vosso amigo: mostrai-nos um pouco de misericórdia. Não nos enfeitiçeis à força com poder mágico.
Que a vossa ira [e] inimizade agora repousem. Que os [dados] castanhos prendam agora algum outro cativo.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.71 — JÑĀNA

✦

1 QUANDO os homens, Brhaspati, dando nomes aos objetos, emitiram as primeiras e mais antigas palavras de Vak,
Tudo o que era excelente e sem mancha, guardado dentro deles, foi revelado pelo seu afeto.

2 Onde, como homens que limpam farinha de trigo numa peneira, os sábios de espírito criaram a linguagem,
Os amigos veem e reconhecem as marcas da amizade: a sua fala conserva o sinal bendito impresso.

3 Com o sacrifício seguiram o rastro de Vak e acharam-na abrigada dentro dos Rishis.
Trouxeram-na, distribuíram-na em muitos lugares: sete cantores fazem ressoar os seus tons em concerto.

4 Um homem nunca viu Vak e, porém, vê; um homem tem ouvido mas nunca a ouviu.
Mas a outro ela mostrou a sua beleza como uma mulher amorosa e bem vestida ao seu marido.

5 A um homem chamam retardatário, lerdo na amizade: nunca o incitam a feitos de valor.
Ele vagueia numa ilusão sem proveito: a Voz que ouviu não dá nem fruto nem flor.

6 Não tem parte em Vak aquele que abandonou o seu próprio querido amigo que conhece a verdade da amizade.
Mesmo que a ouça, escuta em vão: nada sabe do caminho da ação justa.

7 Desiguais na prontidão do espírito são amigos dotados igualmente de olhos e ouvidos.
Uns parecem tanques que chegam à boca ou ao ombro, outros como lagoas de água boas para se banhar.

8 Quando Brâmanes amigos sacrificam juntos com o impulso mental que o coração formou,
Deixam um muito para trás pelas suas realizações, e alguns que contam como Brâmanes vagueiam por outra parte.

9 Aqueles homens que não recuam nem avançam, nem Brâmanes nem preparadores de libações,
Tendo chegado a Vak de modo pecaminoso, fiam o seu fio na ignorância como fiandeiras.

10 Todos os amigos se alegram com o amigo que chega em triunfo, tendo vencido na assembleia.
Ele é o que afasta deles a censura, o que lhes provê alimento; está preparado e apto para o feito de vigor.

11 Um cumpre a sua tarefa constante recitando versos; um canta o salmo sagrado em medidas Sakvari.
Mais um, o Brâmane, conta a ciência do ser, e um estabelece as regras do sacrifício.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.81 — VIŚVAKARMAN

✦

1 AQUELE que se sentou como sacerdote Hotar, o Rishi, nosso Pai, oferecendo todas as coisas existentes —
Ele, buscando pelo seu desejo uma grande posse, veio entre os homens na terra como arquétipo.

2 Qual era o lugar onde tomou a sua posição? Que era aquilo que o sustentava? Como era?
De onde Visvakarman, que tudo vê, produzindo a terra, com poder imenso revelou os céus?

3 Aquele que tem olhos de todos os lados à sua volta, boca de todos os lados, braços e pés de todos os lados,
Ele, o Deus Único, produzindo a terra e o céu, solda-os juntos com os seus braços como asas.

4 Qual era a árvore, que madeira em verdade a produziu, da qual formaram a terra e o céu?
Vós, homens pensativos, inquiri no vosso espírito onde ele estava quando estabeleceu todas as coisas.

5 Tuas naturezas sacrificiais mais altas, mais baixas, e estas tuas do meio aqui, ó Visvakarman,
Ensina-as aos teus amigos no sacrifício, ó Bendito, e vem tu mesmo, exaltado, ao nosso culto.

6 Traze tu mesmo, exaltado com oblação, ó Visvakarman, a Terra e o Céu ao culto.
Que outros homens à nossa volta vivam na loucura; aqui tenhamos um patrono rico e generoso.

7 Invoquemos hoje, para ajudar o nosso trabalho, o Senhor da Fala, Visvakarman, veloz como o pensamento.
Que ouça com bondade todas as nossas invocações aquele que dá toda bem-aventurança como ajuda, cujas obras são justas.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.85 — SŪRYĀ

✦

1 A VERDADE é a base que sustenta a terra; por Surya são sustentados os céus.
Pela Lei os Adityas estão firmes, e Soma ocupa o seu lugar no céu.

2 Por Soma os Adityas são fortes, por Soma é poderosa a terra.
Assim Soma, no meio de todas estas constelações, tem o seu lugar.

3 Um pensa, quando esmagaram a planta, que bebeu o suco do Soma;
Daquele que os Brâmanes verdadeiramente conhecem como Soma ninguém jamais prova.

4 Soma, protegido por regras que abrigam, guardado por hinos em Brhati,
Estás escutando as pedras; ninguém que more na terra prova de ti.

5 Quando começam então a beber-te, ó Deus, tu de novo te avolumas.
Vayu é o Deus guardião de Soma. A Lua é aquela que molda os anos.

6 Raibhi foi a sua querida amiga de núpcias, e Narasamsi levou-a para casa.
Formosa era a veste de Surya: ela veio àquilo que Gatha adornara.

7 O pensamento era o travesseiro do seu leito, a vista era o unguento para os seus olhos:
O seu tesouro eram a terra e o céu quando Surya foi para o seu Senhor.

8 Os hinos eram as travessas do timão, o metro Kurira adornava o carro:
Os padrinhos do noivo eram o Par Asvin; Agni era o chefe do cortejo.

9 Soma foi aquele que cortejou a donzela: os padrinhos eram ambos os Asvins, quando
O Deus-Sol Savitar entregou a sua Surya, que consentia, ao seu Senhor.

10 O seu espírito era o carro nupcial; a sua cobertura era o céu:
Brilhantes eram ambos os Touros que o puxavam quando Surya se aproximou da casa do marido.

11 Os teus Touros eram firmes, mantidos no lugar pelo verso sagrado e pelo hino Sama:
Ouvidos eram as tuas duas rodas do carro: o teu caminho era trêmulo no céu.

12 Limpas, enquanto ias, eram as tuas rodas; o vento era o eixo ali fixado.
Surya, seguindo para o seu Senhor, subiu a um carro formado pelo espírito.

13 O cortejo nupcial de Surya, que Savitar pôs em marcha, avançou.
Nos dias de Magha são mortos os bois, nos Arjunis casa-se a noiva.

14 Quando no vosso carro de três rodas, ó Asvins, viestes como pretendentes às núpcias de Surya,
Então todos os Deuses concordaram com a vossa proposta; Pusan, como Filho, escolheu-vos como Pais.

15 Ó vós, Dois Senhores do esplendor, quando viestes cortejar Surya,
Onde estava uma das vossas rodas do carro? Onde estivestes para a ordem do Pai?

16 Os Brâmanes, pelas suas estações, conhecem, ó Surya, essas tuas duas rodas:
Uma mantida oculta, só aprenderam aqueles que são versados nas verdades

mais altas.

17 A Surya e às Divindades, a Mitra e a Varuna,
Que conhecem bem aquilo que é, prestei esta adoração.

18 Pelo seu próprio poder estes Dois movem-se em estreita sucessão;
Vão como crianças brincando em volta do sacrifício.
Um do Par contempla todas as coisas existentes; o outro ordena as estações e nasce de novo.

19 Ele, nascido de novo, é novo e novo para sempre; insígnia dos dias, vai à frente das Manhãs.
Vindo, ordena para os Deuses a sua porção. A Lua prolonga os dias da nossa existência.

20 Sobe a este, de todas as formas, de tom dourado, de rodas fortes, feito de Kimsuka e Salmali, de rodar leve,
Rumo ao mundo da vida imortal, Surya: faze para o teu senhor uma feliz viagem nupcial.

21 Levanta-te daqui: esta donzela tem marido. Louvo Visvavasu com hinos e homenagem.
Procura na casa do pai dela outra formosa e acha a porção que desde outrora te foi destinada.

22 Levanta-te daqui, Visvavasu: com reverência te adoramos.
Procura tu outra donzela disposta e deixa a noiva com o seu marido.

23 Retos na direção sejam os caminhos, e sem espinhos, por onde os nossos companheiros viajam para o cortejo.
Que Aryaman e Bhaga nos guiem: aperfeiçoai, ó Deuses, a união da esposa

e do marido.

24 Agora do laço de Varuna te liberto, com que o Benditíssimo Savitar te prendeu.
No assento da Lei, ao mundo da ação virtuosa, entrego-te ilesa com o teu consorte.

25 Daqui, e não de lá, eu a solto. Faço-te suavemente presa lá.
Para que, Generoso Indra, ela viva bendita na sua fortuna e nos seus filhos.

26 Que Pusan tome a tua mão e daqui te conduza; que os dois Asvins no seu carro te transportem.
Vai à casa para seres a senhora da casa e fala como dama à tua gente reunida.

27 Sê feliz e prospera aqui com os teus filhos: sê vigilante para governar a tua casa neste lar.
Une estreitamente o teu corpo a este homem, teu senhor. Assim, cheios de anos, falareis à vossa companhia.

28 A sua cor é azul e vermelha: o demônio que se agarra de perto é expulso.
Que prosperem os parentes desta noiva; o marido está preso firmemente em laços.

29 Dá o manto de lã: distribui tesouro aos sacerdotes brâmanes.
Esta demônia ganhou pés e, como esposa, acompanha o seu senhor.

30 Feio é o corpo dele quando brilha com esta demônia malvada,
Quando o marido envolve os seus membros na veste da sua esposa.

31 As consumpções, vindas da gente dela, que seguem o cortejo resplandecente da noiva —
Que os Santos Deuses as levem de novo ao lugar de onde vieram.

32 Que os ladrões de estrada que jazem em emboscada não encontrem o casal recém-casado.
Por caminhos agradáveis escapem eles ao perigo, e que os inimigos se afastem.

33 Sinais de boa fortuna marcam a noiva; vinde todos vós e olhai para ela.
Desejai-lhe prosperidade e depois voltai de novo para as vossas casas.

34 Picante é isto, e amargo isto, cheio, por assim dizer, de farpas de flecha, envenenado e impróprio para uso.
O Brâmane que conhece bem Surya merece a veste da noiva.

35 A franja, o pano que adorna a sua cabeça, e depois o manto dividido em três —
Contemplai as cores que Surya veste; estas o Brâmane purifica.

36 Tomo a tua mão na minha para feliz fortuna, para que chegues à velhice comigo, teu marido.
Os Deuses, Aryaman, Bhaga, Savitar, Purandhi, deram-te para seres a senhora da minha casa.

37 Ó Pusan, envia-a como a mais auspiciosa, aquela que há de partilhar os meus prazeres;
Aquela que há de enlaçar os seus braços amorosos à minha volta e acolher todo o meu amor e os meus abraços.

38 Para ti, com cortejo nupcial, eles primeiro escoltaram Surya até sua casa.
Dá em troca ao marido, Agni, a esposa com descendência.

39 Agni devolveu a noiva com esplendor e com vida ampla.
Que viva muito aquele que é o seu senhor; que viva cem outonos.

40 Soma obteve-a primeiro de todos; depois o Gandharva foi o seu senhor.
Agni foi o teu terceiro marido: agora um nascido de mulher é o teu quarto.

41 Soma ao Gandharva, e a Agni o Gandharva a deu:
E Agni concedeu-me riquezas e filhos e esta minha esposa.

42 Não vos separeis; morai aqui, alcançai o tempo pleno da vida humana.
Com filhos e netos brincai e folgai, alegrando-vos na vossa própria morada.

43 Assim Prajapati nos dê filhos; que Aryaman nos adorne até que chegue a velhice.
Não de modo inauspicioso entres tu na casa do teu marido: traze bênção aos nossos bípedes e aos nossos quadrúpedes.

44 Sem mau-olhado, não matadora do teu marido, traze bem ao gado, radiante, de coração gentil;
Amando os Deuses, encantadora, mãe de heróis, traze bênção aos nossos quadrúpedes e bípedes.

45 Ó Generoso Indra, faze esta noiva bendita nos seus filhos e afortunada.
Concede-lhe dez filhos e faze do seu marido o décimo primeiro homem.

46 Sobre o pai do teu marido e a mãe do teu marido exerce pleno domínio.
Sobre a irmã do teu senhor, sobre os irmãos dele reina suprema.

47 Assim os Deuses Universais, assim as Águas unam os nossos corações.
Que Matarisvan, Dhatar e Destri juntos nos atem estreitamente.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.90 — PURUṢA

✦

1 MIL cabeças tem Purusa, mil olhos, mil pés.
Penetrando a terra por todos os lados, ele enche um espaço de dez dedos de largura.

2 Este Purusa é tudo o que já foi e tudo o que há de ser;
O Senhor da Imortalidade, que cresce ainda mais pelo alimento.

3 Tão poderosa é a sua grandeza; sim, maior do que isto é Purusa.
Todas as criaturas são um quarto dele, três quartos são vida eterna no céu.

4 Com três quartos Purusa subiu: um quarto dele ficou de novo aqui.
Dali avançou para todos os lados, sobre o que não come e o que come.

5 Dele nasceu Viraj; de novo, de Viraj nasceu Purusa.
Logo que nasceu, estendeu-se para leste e para oeste sobre a terra.

6 Quando os Deuses prepararam o sacrifício, com Purusa como oferenda,
O seu óleo foi a primavera, a dádiva sagrada foi o outono; o verão foi a lenha.

7 Ungiram como vítima sobre a erva Purusa, nascido no tempo mais antigo.
Com ele sacrificaram as Divindades e todos os Sadhyas e Rishis.

8 Daquele grande sacrifício universal recolheu-se a gordura que pingava.
Ele formou as criaturas do ar e os animais, tanto selvagens como mansos.

9 Daquele grande sacrifício universal nasceram os Rcas e os hinos Sama:
Dele foram produzidos encantamentos e feitiços; o Yajus teve dele o seu nascimento.

10 Dele nasceram os cavalos, dele todo o gado com duas fileiras de dentes:
Dele foram geradas as vacas, dele nasceram as cabras e as ovelhas.

11 Quando dividiram Purusa, quantas porções fizeram?
Como chamam a sua boca, os seus braços? Como chamam as suas coxas e os seus pés?

12 O Brâmane foi a sua boca; de ambos os seus braços foi feito o Rajanya.
As suas coxas tornaram-se o Vaisya; dos seus pés foi produzido o Sudra.

13 A Lua foi gerada da sua mente, e do seu olho nasceu o Sol;
Indra e Agni nasceram da sua boca, e Vayu do seu sopro.

14 Do seu umbigo saiu o espaço intermédio; o céu foi formado da sua cabeça,
A terra dos seus pés, e do seu ouvido as regiões. Assim formaram os mundos.

15 Sete paus de cerca tinha ele; três vezes sete camadas de combustível foram preparadas,
Quando os Deuses, oferecendo sacrifício, ataram Purusa como sua vítima.

16 Os Deuses, sacrificando, sacrificaram a vítima: estas foram as primeiras ordenanças sagradas.
Os Poderosos alcançaram a altura do céu, lá onde moram os Sadhyas, Deuses de outrora.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.117 — DHANĀNNADĀNA

✦

1 OS DEUSES não ordenaram que a fome fosse a nossa morte: até ao homem bem alimentado vem a morte sob formas variadas.
As riquezas do generoso nunca se gastam, enquanto aquele que não quer dar não acha quem o console.

2 O homem com alimento em reserva que, quando o necessitado vem em estado miserável mendigando pão para comer,
Endurece o coração contra ele — mesmo quando outrora lhe prestou serviço — não acha um só que o console.

3 Generoso é aquele que dá ao mendigo que vem a ele precisado de alimento e fraco.
O êxito acompanha-o no grito da batalha. Faz dele um amigo para as aflições futuras.

4 Não é amigo aquele que ao seu amigo e companheiro que vem implorando alimento nada quer oferecer.
Que este parta — aquele não é lar onde repousar — e procure antes um estranho que o sustente.

5 Que o rico satisfaça o pobre que implora e volte o olhar para um caminho mais longo.
As riquezas vêm ora a um, ora a outro, e, como as rodas dos carros, estão sempre rolando.

6 O homem tolo ganha alimento com trabalho sem fruto: esse alimento — digo a verdade — será a sua ruína.
Não alimenta amigo fiel, nem homem que o ame. Todo culpa é aquele que come sem partilhar.

7 A relha que lavra produz o alimento que nos sustenta e com os seus pés abre o caminho que segue.
Melhor o Brâmane que fala do que o calado: o amigo generoso vale mais do que aquele que não dá.

8 O de um pé ultrapassou de longe o bípede, e o de dois pés alcança o de três pés.
As criaturas de quatro pés vêm quando os bípedes as chamam, e param e olham onde cinco estão reunidos.

9 As mãos são ambas iguais: o seu trabalho difere. O rendimento de vacas leiteiras irmãs é desigual.
Até os gêmeos diferem na sua força e vigor: dois, mesmo parentes, diferem na sua generosidade.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.121 — HIRAṆYAGARBHA

✦

1 NO princípio ergueu-se Hiranyagarbha, nascido Único Senhor de todos os seres criados.
Ele fixou e sustenta esta terra e este céu. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

2 Doador do sopro vital, do poder e do vigor, aquele cujos mandamentos todos os Deuses reconhecem;
O Senhor da morte, cuja sombra é vida imortal. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

3 Que pela sua grandeza se tornou Único Soberano de todo o mundo que se move, que respira e que dorme;
Aquele que é Senhor dos homens e Senhor do gado. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

4 Dele, pelo seu poder, são estas montanhas cobertas de neve, e os homens chamam ao mar e à Rasa sua posse:
Seus são estes braços, suas estas regiões celestes. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

5 Por ele os céus são fortes e a terra é firme, por ele o reino da luz e a abóbada celeste são sustentados:
Por ele foram medidas as regiões no espaço intermédio. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

6 Para ele, sustentados pela sua ajuda, dois exércitos em batalha olham tremendo no seu espírito,
Quando sobre eles brilha o Sol nascido. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

7 Quando vieram as águas poderosas, contendo o germe universal, produzindo Agni,
Dali surgiu para o ser o único espírito dos Deuses. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

8 Ele, no seu poder, contemplou as torrentes que continham força produtora e geravam o Culto.
Ele é o Deus dos deuses, e nenhum além dele. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

9 Nunca nos faça mal aquele que é o Gerador da terra, nem aquele cujas leis são seguras, o Criador dos céus,
Aquele que fez surgir as grandes e lúcidas águas. A que Deus adoraremos com a nossa oblação?

10 Prajapati! só tu compreendes todas estas coisas criadas, e nenhum além de ti.
Concede-nos o desejo dos nossos corações quando te invocamos: que tenhamos provisão de riquezas em nossa posse.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.125 — VĀC

✦

1 VIAJO com os Rudras e os Vasus, com os Adityas e Todos-os-Deuses vagueio.
Sustento no alto tanto Varuna como Mitra, Indra e Agni, e o Par de Asvins.

2 Acalento e sustento o Soma que se avoluma, e amparo Tvastar, Pusan e Bhaga.
Carrego de riqueza o sacrificador zeloso que verte o suco e oferece a sua oblação.

3 Sou a Rainha, a que recolhe os tesouros, a mais pensativa, a primeira dos que merecem culto.
Assim os Deuses me estabeleceram em muitos lugares, com muitas moradas onde entrar e permanecer.

4 Só por mim todos comem o alimento que os sustenta — cada homem que vê, respira, ouve a palavra proferida.
Não o sabem, e porém moram junto de mim. Ouvi, todos e cada um, a verdade como a declaro.

5 Eu, em verdade, eu mesma anuncio e profiro a palavra que Deuses e homens igualmente acolherão.
Faço o homem que amo extremamente poderoso, faço-o sábio, Rishi e Brâmane.

6 Curvo o arco para Rudra, para que a sua flecha atinja e mate o que odeia a devoção.
Desperto e ordeno a batalha pelo povo, e penetrei a Terra e o Céu.

7 No cume do mundo faço nascer o Pai: a minha morada está nas águas, no oceano.
Dali me estendo sobre todas as criaturas existentes e toco até aquele céu lá em cima com a minha fronte.

8 Sopro um sopro forte como o vento e a tempestade, enquanto mantenho unida toda a existência.
Além desta vasta terra e além dos céus tornei-me tão poderosa na minha grandeza.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.127 — RĀTRĪ

✦

1 COM todos os seus olhos a Deusa Noite olha adiante, aproximando-se de muitos lugares:
Ela vestiu todas as suas glórias.

2 Imortal, ela encheu o ermo, a Deusa encheu a altura e a profundeza:
Ela vence a treva com a sua luz.

3 A Deusa, ao vir, pôs a Aurora, sua Irmã, no seu lugar:
E então a treva se desvanece.

4 Favorece-nos assim esta noite, ó tu cujos caminhos visitamos
Como as aves o seu ninho na árvore.

5 Os aldeões buscaram as suas casas, e tudo o que anda e tudo o que voa,
Até os falcões ávidos de presa.

6 Afasta a loba e o lobo, ó Urmya, afasta o ladrão;
Sê fácil para nós de atravessar.

7 Claramente se aproximou de mim aquela que adorna a escuridão com as mais ricas cores:
Ó Manhã, cancela-a como a dívidas.

8 Trouxe-te estes como vacas. Ó Noite, tu, Filha do Céu, aceita
Este louvor como para um vencedor.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.129 — NĀSADĪYA

✦

1 ENTÃO não havia nem o não existente nem o existente: não havia reino do ar, nem céu além dele.
O que cobria, e onde? e o que dava abrigo? Havia ali água, profundeza insondável de água?

2 A morte não existia então, nem havia nada imortal: não havia sinal, o divisor do dia e da noite.
Aquela Coisa Única, sem sopro, respirava pela sua própria natureza: fora dela não havia coisa alguma.

3 Havia treva: no princípio, oculto na treva, este Todo era caos indistinto.
Tudo o que existia então era vazio e sem forma: pelo grande poder do Calor nasceu aquela Unidade.

4 Depois ergueu-se o Desejo no princípio, o Desejo, a semente primordial e o germe do Espírito.
Os sábios que buscaram com o pensamento do coração descobriram o parentesco do existente no não existente.

5 Transversalmente estendeu-se a sua linha divisória: que havia então acima dela, e que abaixo dela?
Havia geradores, havia forças poderosas, ação livre aqui e energia lá em cima.

6 Quem em verdade sabe e quem pode aqui declará-lo, de onde nasceu e de onde vem esta criação?
Os Deuses são posteriores à produção deste mundo. Quem sabe então de onde ele primeiro veio a ser?

7 Ele, a primeira origem desta criação, quer a tenha formado toda, quer não a tenha formado,
Cujo olho governa este mundo no céu mais alto, ele em verdade o sabe, ou talvez não o saiba.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.146 — ARAṆYĀNĪ

✦

1 DEUSA do ermo e da floresta, que pareces desaparecer da vista,
Como é que não buscas a aldeia? Não tens medo?

2 Quando o gafanhoto responde e avoluma a voz estridente da cigarra,
Parecendo soar com sininhos tilintantes, a Senhora do Bosque exulta.

3 E, lá adiante, parece pastar o gado, aparece o que parece uma morada:
Ou então, ao anoitecer, a Senhora da Floresta parece soltar as carroças.

4 Aqui um chama a sua vaca, outro ali derrubou uma árvore:
Ao anoitecer, quem mora no bosque imagina que alguém gritou.

5 A Deusa nunca mata, a menos que se aproxime algum inimigo assassino.
O homem come do fruto saboroso e depois toma, como lhe apraz, o seu descanso.

6 Agora louvei a Rainha da Floresta, de doce perfume, fragrante de bálsamo,
A Mãe de todas as coisas silvestres, que não lavra mas tem provisões de alimento.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.151 — ŚRADDHĀ

✦

1 PELA Fé é Agni aceso, pela Fé é oferecida a oblação.
Celebramos com louvores a Fé no auge da felicidade.

2 Abençoa o homem que dá, ó Fé; Fé, abençoa o homem que deseja dar.
Abençoa os adoradores generosos: abençoa a palavra que eu disse.

3 Assim como as Divindades mantiveram a Fé nos poderosos Asuras,
Assim torna verdadeiro este meu desejo proferido para os adoradores generosos.

4 Guardados por Vayu, Deuses e homens que sacrificam aproximam-se da Fé.
O homem ganha a Fé pelos anseios do coração, e a opulência pela Fé.

5 A Fé de manhã cedo, a Fé ao meio-dia invocaremos,
A Fé ao pôr do Sol. Ó Fé, dota-nos de crença.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.190 — BHĀVAVṚTTAM

✦

1 DO Fervor aceso até o seu auge nasceram a Lei Eterna e a Verdade:
Dali foi produzida a Noite, e dali surgiu a torrente ondulante do mar.

2 Dessa mesma torrente ondulante do mar foi depois produzido o Ano,
Ordenador dos dias e das noites, Senhor de todos os que fecham os olhos.

3 Dhatar, o grande Criador, formou então na devida ordem o Sol e a Lua.
Formou em ordem o Céu e a Terra, as regiões do ar e a luz.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10.191 — SAṂJÑĀNAM

✦

1 TU, poderoso Agni, recolhes tudo o que é precioso para o teu amigo.
Traze-nos todos os tesouros quando és aceso no lugar da libação.

2 Reuni-vos, falai juntos: que as vossas mentes estejam todas de acordo,
Como os antigos Deuses, unânimes, se sentam para a sua parte designada.

3 O lugar é comum, comum a assembleia, comum a mente; assim seja unido o seu pensamento.
Um propósito comum ponho diante de vós e adoro com a vossa oblação comum.

4 Um e o mesmo seja o vosso propósito, e estejam as vossas mentes de acordo.
Unidos sejam os pensamentos de todos, para que todos concordem felizes.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0